

G O L - g a y
UMA AÇÃO PERFORMATIVA
DESOBEDIENTE NA ESCOLA PÚBLICA¹

G O L - g a y ,
A DISOBEDIENT PERFORMATIVE
ACTION IN PUBLIC SCHOOL

Bruno Canabarro²

1 Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “*Má Educação: ações deseducadas para a (sobre)vivência do corpo docente-dissidente na escola pública*” de Bruno da Silva Canabarro, realizada no IA/UNESP-ProfArtes, com orientação da Profa. Dra. Carolina Romano de Andrade, iniciada em 2021 e finalizada em 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/244116>.

2 Bruno da Silva Canabarro é doutorando (orientado pela Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov) e mestre em artes pelo IA/UNESP - São Paulo/SP, é também artista e professor da rede municipal de São Paulo. Orcid: 0000-0001-8884-9719. E-mail: bruno.canabarro@unesp.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma performance e reflete, a partir dela, sobre espaços possíveis para um corpo docente-dissidente ocupar na escola pública. “GOL-gay” (2022) é uma ação performativa que se instala na quadra esportiva com uma situação inusitada e que causa estranhamento às pessoas que ali estão tendo aula regular. A partir desta ação, e apoiando-se em referências como Eleonora Fabião (2009), Jorge Larrosa (2019; 2020), Guacira Lopes Louro (1997) e Paul Preciado (2020), além do termo *heteroterrorismo* de Berenice Bento (2011), reflete-se sobre as questões de dissidências de gênero e percebe-se que a quadra parece ganhar outra camada de significados com a ação e, talvez por alguns minutos, se torne também lugar para um corpo dissidente ocupar.

Palavras-chave

Performance. Educação pública. Supravivência. Desobediência. Dissidência.

ABSTRACT

This article presents a performance and reflects, based on it, on possible spaces for a dissident teaching body to occupy in public schools. “GOL-gay” (2022) is a performative action that takes place on the sports court with an unusual situation that causes strangeness to those who are there attending regular classes there. From this action, and drawing on references such as Eleonora Fabião (2009), Jorge Larrosa (2019; 2020), Guacira Lopes Louro (1997) and Paul Preciado (2020), as well as Berenice Bento’s term “heteroterrorism” (2011), reflections are made on the issues of gender dissidences, and it is noticed that the sports court seems to gain another layer of meanings with the action and, perhaps for a few minutes, becomes a place for a dissident body to occupy as well.

Keywords

Performance. Public education. Supravivance. Disobedience. Dissent.

*“Escrever a frase na pele do país
 não garante que cesse a luta contra a
 sensação de que sou eu que devo.
 Isso não passa de uma forma
 de cortar o mundo.
 E o mundo é meu trauma.
 Eu sou maior que o meu trauma. (?)”
 Jota Mombaça (2017, p.23)*

1.

Gay, viadinho, mulherzinha, bichinha, marica, boiola, frutinha, florzinha... são essas algumas das nomeações pejorativas, e majoritariamente associadas ao gênero feminino, que recebi enquanto estudante, criança, e que diariamente ouço de inúmeras pessoas, inclusive, as que também habitam a escola em que trabalho hoje³, geralmente a respeito das crianças que desviam da norma, como, por exemplo, as crianças lidas como meninos e que não jogam futebol. Em minha memória, os jogos de futebol na escola sempre me trouxeram certa angústia.

Recordo-me aqui das vezes em que ouvi, ainda sem saber organizar qualquer pensamento sobre o assunto, coisa do tipo: “se você não completar o nosso time, a gente vai te pegar depois”, ou, “não sabia que deixavam franga jogar futebol”, risos; ou ainda mais comum, “segura essa bola feito homem...!”⁴, seguido de um palavrão. Dito isso, apresentarei neste artigo, uma espécie de manifestação-crítico-afetiva do que vivi e vejo que se refere à LGBTQIAPN+fobia⁴, ao machismo, às exclusões e aos preconceitos de gênero, tomando como sujeito de observação os espaços escolares que promovem esportes e atividades físicas, como as quadras, dentre outras possibilidades de ocupá-los.

Na articulação que se dá entre “*GOL-gay*”, ação performativa que realizei na quadra da escola em que trabalho, e as suas reverberações, vejo meu corpo em estado de atenção, de escuta e de diálogo. É, então, que compreendo não só a força da ação em si, mas, principalmente, a potência do ruído que ela oportuniza. Rachaduras. Chiados. Movimentos que também me fazem perceber o quanto em meu corpo é recente ou mal-curada a ferida da homofobia que sou, quando também era criança, nos espaços que aqui me coloco a observar.

A imagem é esta, imagine: há um artista-professor-viado existindo e posando em uma quadra escolar com o som de estudantes ao

3 Tomo por opção não nomear a escola em que trabalho, basta saber que é uma escola pública, localizada na Brasilândia, zona norte da cidade de São Paulo.

4 LGBTQIAPN+fobia é a terminologia usada para abarcar todas as formas de violências contra pessoas LGBTQIAPN+ em que a motivação principal é sua identidade de gênero e/ou orientação sexual.

fundo, do outro lado era, tendo aula regular. Este é o ruído. É aquilo que desestabiliza a cisheteronormatividade⁵ instaurada e propõe outras maneiras de nos relacionarmos, juntas.⁶

Compreendendo que a quadra escolar, ou os espaços de atividades físicas e exercícios, assim como a disciplina de Educação Física, também são diretamente impactadas pela violência de gênero que invadem as escolas - reflexos de uma sociedade estruturalmente machista - e, aqui, não são as responsáveis diretas pelas exclusões cometidas através do preconceito, aliás, são também afetadas por elas. As violências criam raízes profundas em nossa sociedade e o chão das escolas também está cheio delas.

Neste artigo, temos a oportunidade de olhar para este ciclo de violências - que afeta a todas, cada uma com sua intensidade - e elaborar estratégias de romper com ele. Cortar o círculo. Felizmente, há muitas pessoas pensando nisso e trabalhando por isso. Inclusive, resalto que as professoras de Educação Física da escola em que trabalho, fazem um trabalho de suma importância neste sentido, que é o de borrar as fronteiras de gênero em suas aulas. Com isto, este texto não tem por objetivo criar generalizações ou acusações, mas sim, se preocupa com estas questões no âmbito maior, que nos transpassa e nos atinge.

Berenice Bento (2011) cunha um termo que revela o terrorismo do preconceito sexual e de gênero na educação, ou seja, a ideia de que a cisheterossexualidade⁷ é a única possibilidade de vida. *Heteroterrorismo*.

O heteroterrorismo diz respeito à preparação dos corpos numa perspectiva heterossexual, o que é sugerido por toda a sociedade normativa que conhecemos e reiterado pela escola e tantas outras instituições. Com isso, este termo carrega “um conjunto de opressões estruturais, que visam retroalimentar violências verbais e físicas contra as dissidências de gênero e sexualidades, com um exercício contínuo da anulação, silenciamento e o apagamento social de tais corpos” (SANTOS; VIEIRA; SILVA, 2021, p. 154).

O heteroterrorismo na quadra escolar faz com que crianças lidas socialmente como meninos acabem ficando próximas às crianças lidas como meninas - que ao contrário deles, muitas vezes não têm nem a opção de jogar futebol quando desejam - e acabam por serem excluídas da aula também. Afirmo que essas situações marcam e demarcam a vida e o corpo de crianças-viadas desde a infância, porque eu também fui uma delas. “Que fazer quando sinto totalmente o que outras pessoas são e sentem?” (LISPECTOR, 1998, p.53).

5 “Cisnormatividade e cisheteronormatividade se referem a produção de ideais regulatórios, socialmente difundidos, a respeito das identidades de gênero e padrões de sexualidade baseados em normativas coloniais, espalhadas por diferentes projetos políticos incluindo o neoliberalismo, fundamentalismo, os usos retóricos do multiculturalismo e os discursos tácitos de aceitação.” Ver mais em: LIMA, 2021, p.159.

6 Neste artigo, ao me referir a grupos, coletivos, pessoas em geral, ou a nós, docentes, utilizarei sempre o gênero feminino. Como maneira de apontar a expressiva quantidade de mulheres presentes e atuantes na educação, pensando na desconstrução machista da Língua Portuguesa e, também, como marcador político-linguístico afirmativo de gênero.

7 Este é o termo utilizado para cisgeneridade (pessoas não trans) e heterossexualidade (pessoas não homossexuais).

Hoje, mesmo enquanto docente, raramente estive na quadra da escola. Primeiro porque é um espaço em que meu corpo não se sente acolhido; segundo porque meu corpo não sabe direito como existir naquele lugar - o que fazer, como andar, onde sentar; terceiro porque a quadra é pouco convidativa àqueles corpos que quase nada parecem oferecer às atividades que são realizadas ali e/ou pouco se relacionam com os esportes - principalmente o futebol.

A quadra - aqui como espaço heteroterrorista - representa um universo estritamente “dos homens” e lugares majoritariamente masculinos me assustam. Assim, é preciso abalá-los.

Aterrorizar.

2.

“*GOL-gay*” (2022) é um ato performativo desobediente que escancara a estranheza, a vergonha, o pudor, a sexualidade, o risco, colocando o corpo dissidente em ação, visibilizando-o: o viado está na quadra!

Ruído.

Esta ação integra um conjunto de ações/atos performativos que realizei durante a pesquisa de mestrado na e para a escola pública, a fim de sobreviver⁸ nela e com ela.

“O professor está de chifres!”, foi umas das frases que ouvi durante “*GOL-gay*”, que se instalou na quadra esportiva de uma escola pública da zona norte do município de São Paulo como ato performativo de um artista-professor-viado, realizada no ano de 2022.

8 Supraviventes são “aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência”. (SIMAS; RUFINO, 2020, p.8). Assim, os supraviventes vivem e germinam vida.



Fig. 1: Fotografia da performance “GOL-gay” (2022). Fonte: o autor.

“*GOL-gay*” invade a quadra esportiva escolar - espaço onde os preconceitos de gênero transbordam - e apresenta uma situação inusitada, que causa estranhamento às pessoas que estão tendo aula regular de Educação Física. Esta ação foi apresentada sem aviso prévio, sem autorização e sem envolver diretamente outras pessoas em sua realização; o artista-professor-viado ocupa o espaço escolhido, monta sua “cena” e se apresenta para uma câmera e para as pessoas que estão ali no momento. Ele ouve, não diz nada, observa e é observado. Ele usa chifres de veado na frente de grandes letras infláveis e metálicas, penduradas na trave de gol, onde se lê: G-A-Y.

Naquele momento, a quadra parecia ganhar outra camada de significados e, talvez, por alguns minutos, tornou-se também lugar para um corpo dissidente ocupar.

Geralmente, nas ações performativas que realizo, crio, antes de tudo, um programa performativo da ação, utilizando como metodologia o termo que Eleonora Fabião (2009) elabora a seguir: “chamo as ações performativas de *programas*, pois, neste momento, esta me parece a palavra mais apropriada para descrever um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo” (FABIÃO, 2009, p.237) e com isso, inclusive, “se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada. Performar programas é fundamentalmente diferente de lançar-se em jogos improvisacionais” (FABIÃO, 2009, p.237). Assim, a autora afirma que “o performer não improvisa uma ideia: ele cria um programa e programa-se para realizá-lo” (FABIÃO, 2009, p.237).

Apresento-lhes, então, o programa performativo para um artista-professor-viado, intitulado “*GOL-gay*” e, em seguida, há um *QrCode* onde é possível assistir ao vídeo-arte criado a partir da ação.

Programa performativo para um artista-professor-viado:

1. O professor vai à quadra da escola pública onde trabalha em horário regular de aula;
2. A quadra deve estar ocupada (possivelmente tendo aula de Educação Física);
3. O professor coloca, na trave de gol, letras grandes onde se lê: G-A-Y;
4. O professor usa chifres de veado;
5. O professor faz poses e filma sua ação.



Fig. 2: Imagem de Qr Code onde é possível visualizar o vídeo-arte da performance “*GOL-gay*” (2022). Vídeo-arte disponível pelo Qr Code e também através do link: <https://youtu.be/-hu9is0kZio>. Fonte: o autor.



Fig. 3: Fotografia da performance "GOL-gay" (2022). Fonte: o autor.



Fig. 4: Fotografia da performance "GOL-gay" (2022). Fonte: o autor.

3.

Constantemente busco fugir, procurando atalhos, vias e esconderijos para continuar pulsando na tarefa que me disponho a realizar na educação pública. Essa tarefa, óbvia para muitas pessoas por não conhecerem profundamente o trabalho docente, não se resume somente a ensinar - aliás, ensinar é uma das consequências deste trabalho, assim como aprender. As tarefas exercidas por um docente da rede pública de ensino são muitas e vão desde a disposição para entrar em contato com realidades tão distintas - que provocam susto e silêncio

- até o substancial cuidado com o discurso, a narrativa e as palavras com que trata e se dirige às estudantes, assim como o afeto desmedido, os desejos alcançados e cada olhar que - mesmo sem saber - pede aconchego e atenção. Nosso trabalho - este que venho buscando analisar e o de tantas outras professoras da rede pública de ensino - é, no limite das expectativas, construir fugas da morte, assim como expressa Jota Mombaça (2021), fugas enquanto “possibilidades de viver” (MOMBAÇA, 2021, p. 18), fugas que “sigam deformando os modos do poder através do tempo” (MOMBAÇA, 2021, p. 68). Fugas para a vida plena. Supravivência.

Digo isto nesse contexto porque é para a vida que a educação e a ação performativa “*GOL-gay*” nos con-vida. Segundo Luiz Antonio Simas (2022), “o contrário da vida não é a morte. O contrário da vida é o desencanto. [...] A gente precisa estar disponível para o inesperado, para o surpreendente, para o encontro. [...]” (SIMAS, 2022, np). E o autor, continua, “quando eu vou para a rua, eu vou com essa disponibilidade de me encruzilhar. [...] Eu ritualizo a minha vida. [...] Eu me assombro ainda com as coisas. Eu me assombro com o balcão do botequim, com a criança pulando amarelinha na praça...” (SIMAS, 2022, np). E, ainda, segundo o autor, “podemos estar experimentando a ausência da vida. Esse é um elemento fundamental. A vivacidade do ser, a disponibilidade para afirmar a vida e a Educação contra a mortandade, a aniquilação, o genocídio, a morte de saberes, culturas e linguagens” (SIMAS, 2022, np). Assim, estar na educação pública é um chamado para tantos questionamentos sociais, políticos, territoriais e identitários onde, acredito, só é possível construir e desenvolver um processo efetivo de ensino-aprendizagem a partir do encontro com tais realidades e na discussão sobre tantas das questões mencionadas. Logo, para o encontro e as discussões que geram outros pensamentos e novas ideias, é preciso estar, no mínimo, vivo. Isto é: disposto.

Desassossegar-se.

4.

Com tanto desassossego, é possível enxergar de novo. Diferente. Remexido e modificado. Transformado. Daqui eu também me movo e muitas questões me rondam neste momento, são questões que diversas autoras da Pedagogia das Artes Cênicas⁹ já abordaram em seus trabalhos e aqui não há intenção de serem respondidas, mas sim, ouvir reverberar também o tempo das perguntas, peço licença para compartilhá-las:

É possível quebrar os padrões que a escola tenta fielmente seguir? Como a arte e a performatividade podem contribuir para essa transformação? A escola pode evitar reproduzir discursos socialmente estigmatizados e fragmentados? Seria papel da arte problematizar e ressignificar o sistema educacional, ou até

9 Ver mais em: PUPPO; VELOSO, 2022.

mesmo implodi-lo? A arte na escola se resume a “aula vaga”, apenas um momento para descontração e até bagunça? Será que arte e esportes podem ser combinados? Existe alguma contradição entre gostar de arte e gostar de esporte? Como a arte pode invadir e influenciar outros espaços na escola? Além de organizar eventos, decorar e comemorar datas festivas, qual o papel das professoras de arte dentro da escola?

Como a escola pode fugir da reprodução sistemática dos preconceitos sociais e ser uma instituição que constrói conhecimentos, apesar de tudo? É possível fugirmos das lógicas mercadológicas e capitalistas, ou ainda, encontrar brechas para problematizá-las?

A escola está pronta, ou seja, possui estrutura adequada para que existam espaços efetivos - concretos e simbólicos - para a arte dentro dela? Se não, como construir estes espaços? Eles são necessários? De quais espaços estamos falando? Como transformar, propor e gerar novas experiências neste ambiente pré-moldado por um sistema, seja ele bom ou ruim? Quem está aqui, comigo, disposta a abrir esses novos caminhos e não matar de uma vez este corpo docente-dissidente que agora lança perguntas e, conseqüentemente, os corpos discentes-dissidentes que habitam essas carteiras que, muitas vezes, é o único lugar possível para se sonhar?

Quais estratégias podemos construir para supriver com performatividade na escola pública brasileira? Como podemos pensar a educação de outra forma e estar na educação com outro ímpeto, propondo outras ações, movimentando diferentes corpos e instaurando novos ares?

Poderíamos, então, usar a arte da performance para mostrar as violências e assim combatê-las? Como criar ações performativas que nos façam refletir sobre questões sociais que afetam as pessoas de uma escola pública em São Paulo, no Brasil?

Ou ainda, podemos trabalhar de forma pedagógica que busca ser “indisciplinada” (LARROSA, 2019, p.11), desafiando os padrões educacionais estabelecidos e reconstruindo-os, na tentativa de reduzir o abismo entre nós, a educação e o mundo?

Nossa meta é fazer com que as estruturas rígidas da escola pública se transformem por meio da arte, dando voz aos nossos corpos nesse espaço.

Com isto, é necessário um posicionamento artístico-pedagógico, “o chamado da performance é justamente este: posicione-se já, aqui e agora” (FABIÃO, 2009, p.70). Assim, vejo que tanto a arte quanto a educação exigem igualmente e com a mesma força: ação.

Movimento.

5.

Respiro no hiato destas perguntas e volto a olhar para a proposta da ação “*GOL-gay*”, que reside em atos performativos, artísticos e extra-cotidianos e que sua força - concreta ou simbólica - está na fuga da morte à vida, na recusa dos sistemas que nos enclausuram, no encontro desarmado com o desconhecido.

E para uma luta desarmada, é essencial que estejamos descansadas, ativas, atentas e dispostas. Sinto também que, para viver na e a educação, é preciso, primeiramente, analisarmos a maneira como trabalhamos nossos processos pedagógicos e quais são os sentidos desses processos para nós, docentes, e para as estudantes. Assim, não podemos deixar de prestar atenção à linguagem e perceber minuciosamente o que nossas palavras, discursos e narrativas carregam consigo, a fim de problematizar e minimizar - o máximo possível - falas racistas, sexistas, machistas, etc., até que elas desapareçam de nossa voz, de nosso corpo e de todas as bases que nos compõem. Com isso, forçar até implodir o binarismo das relações de gênero e lidar “com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia” (LOURO, 1997 p.65) pois, “se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil” (LOURO, 1997 p.65). Porém, não impossível.

Desassossegar, portanto, a língua, a palavra, a linguagem que, acreditamos, já ter aprendido e, assim, se perguntar: “com quais palavras temos nos aliado? Se as palavras nos dão o mundo, que mundo é esse que nos foi dado a conhecer? Quais palavras precisamos esquecer para que outras novas nasçam? Como cortar o léxico gramatical? Esburacar, ruir, corroer, bifurcar, desmoronar a língua” (RAVENA; DILACERDA, 2020, p.1).

Quando nos calamos diante de uma situação problemática na escola - especialmente quando está relacionada a preconceitos, violências, exclusão e opressão - fortalecemos a normatividade, permitindo que ela continue a influenciar nossas relações e a estabelecer a cisheteronormatividade branca como régua para medir e julgar o outro. Não intervir, nestes casos, é garantir que a norma oriente nossos corpos, o oposto do que este artigo nos convida a experimentar.

Este artigo-manifesto pode ser lido também como o eco de um grito. Uma denúncia. Um alerta. E digo, com certeza, que estes atos de intervenção na escola, ainda que não sejam considerados conteúdos didáticos e/ou pedagógicos por muitas pessoas, constroem, sim, conhecimentos. “Essa disposição de olhar talvez nos ajude a perceber a transitoriedade ou as transformações nas relações entre os sujeitos e certamente se constitui numa das formas mais efetivas de produzir conhecimento novo” (LOURO, 1997, p.125).

Para supurvivermos te faço um convite à atenção. É preciso que estejamos atentas a tudo. O corpo que vive na educação, vive na atenção, no cuidado, no detalhe estreito. Essa difícil tarefa de atentar-se.

Não vigiar os corpos é outra tarefa que me cabe, artista-professor-viado desobediente. A vigília dos corpos lidos como desviantes é de uma violência

absoluta e se dá a partir da ideia de que a cisheteronormatividade é a única possibilidade de nos identificarmos e nos relacionarmos com o mundo e, por isso, precisa ser garantida a todo custo. Ora, estamos então diante de uma frágil ideia do que é “normal” e do que não é. Precisamos, sim, vigiar, não os outros corpos, mas o corpo social coletivo que insiste em caracterizar e enquadrar a dissidência como ilegítima, errada e anormal.

Aprimorar nosso olhar com sensibilidade para o que acontece na escola pública nos leva a valorizar a educação e destacar sua importância. Observar e questionar as desigualdades, bem como os avanços conquistados no processo de reconstrução para uma escola pública cada vez mais próxima à sobrevivência. É necessário percebermos os problemas e as conquistas, independentemente de sua dimensão, para fazermos análises e autoanálises, e continuarmos avançando. Para isso, é fundamental que estejamos também abertas às produções acadêmicas, literárias, artísticas e pedagógicas que buscam as transformações necessárias na escola e no mundo. Reforço, novamente, a importância da atenção, sensibilidade, cuidado, e disposição política e poética para a sobrevivermos.

Em nossas práticas escolares cotidianas, por vezes automáticas e banais, as violências podem passar despercebidas, ignoradas. Sim, todas nós estamos envolvidas nesse processo de transformações para fugirmos da morte, lutando por políticas educacionais públicas que nos ajudem a eliminar as desigualdades que, avassaladoras, invadem a escola.

Nossa ambição pode começar em “subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula” (LOURO, 1997 p.124), e isso pode acontecer com invenção: “inventando formas novas de dividir os grupos para os jogos ou para os trabalhos” (LOURO, 1997 p.124); com discussões: “promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas e filmes consumidos pelas/os estudantes” (LOURO, 1997 p.124); com novas produções: “produzindo novos textos, não-sexistas e não-racistas” (LOURO, 1997 p.124); com investigações: “[explorando] os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da História oficial, nos textos literários, nos “modelos” familiares” (LOURO, 1997 p.124) e, com acolhimento: “acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnia, etc.” (LOURO, 1997 p.124). Não parece fácil, a princípio, mas é completamente possível, inclusive, na quadra da escola e nas atividades realizadas nela.

Extrapolar.

6.

Quando eu, criança-viada, entrava na quadra da escola pública em que estudei, era como se todos os olhares me dissessem que aquele lugar não era meu, ou ainda, que nada eu tinha a fazer ali. Quando eu, professor-viado, entro na quadra da escola pública em que trabalho hoje, juntamente a outras colegas,

fortaleço o compromisso em promover um espaço de coletividade e não de exclusão, e ao menor sinal - escancarados ou silenciosos - de olhares de deboche para qualquer pessoa, intervenho.

Essas intervenções são fundamentais, inclusive em espaços majoritariamente ocupados por homens cis-heteronormativos brancos, que parecem ser campo legitimado de suposições, zombarções e julgamentos no que diz respeito à preocupação - ou curiosidade? - sobre a sexualidade de qualquer outra pessoa, e na quadra da escola isso não é diferente: estudantes reproduzindo discursos de ódio, endossando preconceitos e/ou “piadas” infames direcionadas aos corpos dissidentes. É notável que entre as estudantes também se propagam e reproduzem esses valores LGBTQIAPN+fóbicos e machistas, contribuindo com a violência estrutural a qual queremos implodir. Observamos estudantes excluindo, ofendendo e encurralando outras estudantes por serem diferentes, estranhas ou dissidentes.

Me pergunto como podemos garantir segurança a essas crianças. Será que existe algum espaço seguro onde elas possam, simplesmente, existir sem medo? Em quais lugares seus corpos podem habitar integralmente? E também penso “se as crianças estão seguras, se podem falar por si, ou melhor, se podem ultrapassar a política da morte a que são designadas” (SANTOS; VIEIRA; SILVA, 2021, p.159).

É por isso, inclusive, que uma criança lida como menino - no espaço esportivo de sua escola - não jogar futebol, independente do motivo que alegue, pode apresentar um problema para aquele corpo que já aprende que jogar futebol é uma das premissas instituídas socialmente na construção do “corpo masculino”, construção essa que ele pode não agenciar. Logo, torna-se alvo fácil de chacotas, zombarias e piadas que evoluem para intimidações e agressões e que, sabemos, podem levar ao fim da vida plena, ao desencantamento.

Este artigo é uma inquietação para com as questões suscitadas a partir de “*GOL-gay*” e a necessidade de desbravar pistas na tentativa de propor uma escola artisticamente transformadora, em movimento e disposta a aceitar e acolher diferentes corpos e identidades em seu território, garantindo a formação de estudantes críticas, sensíveis e inquietas.

“O que pode um corpo envolvido pela arte-performance produzir na educação?” (MIRANDA; FAIAL, 2021, p.2). O que pode o corpo dissidente realizar na escola pública? Que escola queremos construir aqui?

De acordo com as proposições discutidas em minha dissertação de mestrado, defendo a concepção de uma escola que seja: indisciplinada, reconstruída, decolonial¹⁰ e segura. Escola onde todo corpo possa existir na sua estranheza e na sua beleza.

Estas são algumas das palavras que podem definir uma escola desobediente - escola que se lança rumo ao desconhecido, que desorganiza as regras,

¹⁰ “A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.” Ver mais em: OLIVEIRA; CANDAU, 2010.

comprometida com a laicidade, que promove igualdades e cidadanias, reconhecendo que não sabe tudo e não pretende ensinar tudo, mas que aprende em conjunto com suas participantes. Uma escola em constante construção, valorizando todos os processos e caminhando ao lado de suas integrantes, desenvolvendo projetos artístico-pedagógicos que priorizem as experiências¹¹. Uma escola segura, sobretudo, para que todos os corpos possam viver plenamente. Encantados.

A educação desobediente é como se estivéssemos pisando em um terreno úmido que, de tão escorregadio, é fértil; abre-se para as nascituras e brota suas sementes.

7.

Partindo dessas sensações que embaraçam meu corpo, criei e realizei “*GOL-gay*”, impulsionado a existir naquele espaço e, ainda mais, a escancarar o que continuo sendo, mesmo quando determinados espaços me repelem e me dizem: não!

Assim, com a realização desta ação, confirmo que a escola reproduz os valores hegemônicos da sociedade, atribuindo aos corpos os rótulos de “normais” ou “anormais”. Isso porque “há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação” (BENTO, 2011, p.556). E é buscando findar ou ao menos diminuir essa reprodução sistemática e, por vezes, criminosa, que criamos.

E, preciso defender: a escola pública não é má. Ela tenta, a cada rachadura, gritar - junto com as nossas vozes - por reconstrução. A escola não vai acabar, e nós estaremos lá para ajudar a pulsar. Isso é uma prática que não se ensina, se aprende.

“*GOL-gay*” é, contudo, uma tentativa de minha própria emancipação, compreendendo que “só um indivíduo emancipado pode emancipar outro” (LARROSA, 2020, p.155) e, a partir daí, cada indivíduo emancipado poderá aprender o que quiser sabendo o mais importante: toda pessoa pode aprender e ensinar.

“*GOL-gay*” se coloca em um espaço não-habitável para um corpo docente-dissidente e, com isso, desobedece, transtorna. Uma ação que, por si só, pode ser objeto de discussões e reflexões com as estudantes e a comunidade escolar e, com desdobramentos pedagógicos, pode aprofundar ainda mais as questões que a envolvem. Neste caminho, pretendo ainda utilizar em futuras aulas com jovens/adultos o vídeo-arte criado a partir da realização da ação (ver em parte 2) como disparador de discussões pertinentes às violências sociais institucionalizadas também na escola pública, questionando os lugares que um corpo dissidente pode ocupar.

11 “A experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida. A experiência tem [...] algo de desordem e da indecisão da vida.” (LARROSA, 2020, p.40).

Reverberações que germinam.

Lembro-me do que vi e ouvi durante a realização de “*GOL-gay*” e após ela. Na contramão do que poderia se esperar enquanto reação à ação, as crianças lidaram naturalmente com a presença do artista-professor-viado performando durante a aula que estavam participando. Uma delas perguntou-me: “por que você está assim, prô?”. Eu lhe respondi: “é para um trabalho que o prô tá fazendo, você gostou?”. Balançando a cabeça afirmativamente: “sim, tá muito legal!” E outra criança, quando eu já estava saindo da quadra, correndo: “prô, você também usa macacão igual a minha mãe?” Ela estava se referindo a roupa que eu estava usando, levei um tempo para compreender a pergunta-surpresa, e respondi: “ah, é? Sua mãe também usa? Que legal. Eu adoro usar macacão...” e antes que eu terminasse, ela me disse, já correndo de volta: “eu vou pedir para minha mãe um macacão também, pra gente ficar igual”.

Penso o quanto é bonito abrir espaços para que outras pessoas também existam, com potência e leveza, com a força do carinho de uma criança que lê o mundo que lhe foi apresentado com afeto e respeito. Portanto, é urgente apresentarmos às nossas crianças um mundo diverso, múltiplo, gigante em suas possibilidades de viver nele. Penso também que, talvez, por estas crianças já me conhecem há algum tempo¹², não estranharam a ação, aliás, continuaram tendo sua aula, vez ou outra corriam para perto de mim e, em nenhum momento, me senti constrangido, exposto ou julgado. Ninguém me xingou ou perturbou. Estive presente com meus chifres de veado, vestindo macacão, na quadra. Compreendo que é preciso tempo, insistência e resistência para que as relações se construam de forma saudável. Interessante perceber isto que deixa nítido o quanto é, sim, possível alterar, modificar e intervir artisticamente no fluxo cotidiano dos espaços escolares e, com isso, fortalecer a presença dissidente com afeto, escuta e arte.

Beleza.

8.

Durante a ação performativa “*GOL-gay*” e ao longo das investigações do mestrado, que têm como sujeitos da pesquisa os corpos dissidentes que habitam a educação, fui percebendo-me cada vez mais envolvido pela ideia de viver plenamente, de viver e gerir vida, de supriver. Entendendo que, como para Simas e Rufino (2020), “a gerência de uma vida praticada em conexões plurais por uma perspectiva contrária à diversidade produz o desencanto: perda de vitalidade, que reifica as raízes mais profundas do colonialismo” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.6). Assim, caminho lutando pela supravivência disseminada a todas que habitam a educação junto a mim, principalmente os corpos dissidentes que bradam por segurança e proteção.

Sob o corpo dissidente, há uma norma heterossexual compulsória agindo. Esta heteronorma policia, oprime, vigia e violenta aqueles corpos que colocam

12 Trabalho nesta mesma escola desde 2014.

em risco a sua continuidade. A heteronorma prolifera suas agressões a fim de perpetuar seus preconceitos e instaurar o medo da morte para que, assim, esses corpos continuem invisibilizados na escola, na cidade, na história. Quase como quem diz sussurrando: “se você não é heterossexual, é a morte que te espera” (PRECIADO, 2020, p.71).

Há muitas maneiras de morrer. “Não morremos apenas quando os nossos olhos se fecham ou nosso corpo para de funcionar” (SANTOS, 2018, p.21-22). Há muitas maneiras de morrer. “Aos poucos, mesmo sem perceber, quando aceitamos que a brutalidade atinja a chama que anima a nossa vida, nosso espírito” (SANTOS, 2018, p.21-22). Há muitas maneiras de morrer. “Há muitos nomes para essa morte que pode nos atingir no dia a dia e fazer de nós mortos-vivos, verdadeiros zumbis que já abandonaram a vida sem saber” (SANTOS, 2018, p.21-22). Há muitas maneiras de morrer: indiferença ao sofrimento do outro, desprezo à dor alheia, sensação de superioridade, preconceito disparado como veneno, ódio que nos corrói por dentro, etc., etc., etc.

À vista disso, não negociaremos nossas existências. Estes corpos que andam estranhos, que agem estranhos, que falam estranhos, que pensam estranhos, que conduzem aulas estranhas, que performam estranhos, que escrevem estranhos, é tudo o que podemos oferecer ao mundo. Em espaços que tensionam nossa presença a fim de expulsá-las, oferecemos o que somos. Sem nos intimidarmos ou nos amedrontarmos pela presença dos “corpos-normais”, ao contrário, entrando em contato com eles à força e traçando uma relação que também os intimida. É urgente olharmos bem no fundo dos olhos perversos da normatividade, como se agora, neste momento, fôssemos nós quem gritássemos: “nós também existimos aqui!”

Este é nosso corpo: estranho-potente, bonito-abjeto¹³, bomba-poesia.

Guerra-paz. Como isso é possível?

“Já sabemos que a paz é menos sexy que a guerra, que um poema vende menos que uma rajada de balas e que uma cabeça cortada excita mais que uma cabeça falante” (PRECIADO, 2020, p.47) e, ainda assim, não anunciaremos guerra, embora, de alguma maneira, já estejamos nela.

Bomba.

13 Abjeto é um conceito estudado por Judith Butler (1990), retomando a ideia de abjeção presente nos estudos de Julia Kristeva (1980), para encará-la como uma forma de debater o lugar de vulnerabilidade de indivíduos dissidentes. Pensando por meio desse viés e para além dele, temos uma perspectiva de negação da humanidade e da materialidade destes corpos. Abjeto, então, é o que é desprezível, ignóbil, inferior, ou seja, que não importa. Ver mais em: BUTLER, 1990.

9.

No caminho até aqui, também repensei muitas das minhas práticas dentro da escola pública e como seria possível reconstruí-las a partir da desobediência proposta. Entendendo que, para as transformações acontecerem, é preciso estar disposto a abandonar alguns padrões estabelecidos e se reconstruir a partir daquilo que nos indaga e nos problematiza.

As questões, necessidades e impulsos que emergem de “*GOL-gay*” e se inscrevem neste texto, passaram a girar também em torno de uma escavação de minha própria história para compreender o artista-professor-viado que sou e ir em busca de estratégias, pistas e possibilidades de existência deste corpo docente-dissidente na escola pública. Quem sabe, transformando-a. E, para transformar, é preciso se fazer presente e se tornar presença: essa que abala, assusta e faz as ideias girarem em outra direção.

É preciso permanecer na escola para poder transformá-la.

E foi permanecendo que me deparei com novas possibilidades de reexistir na arte e na educação pública do Brasil, abrindo espaços para que meu corpo possa dançar livremente, saltitando e dando pinta, close e trabalho para aquelas que ainda não se acostumaram a ver a beleza que é existir plenamente. É possível ver beleza na estranheza.

Sigo na luta pela construção de uma educação pública contra hegemônica, decolonial, artisticamente ativa e diversificadamente inclusiva, pois acredito que, para uma educação pública de qualidade, todos os corpos devem ter seu espaço para existir e compartilhar sua existência.

Contudo, o que este artigo apresenta como tentativa de sobrevivência é a força da ação performativa que desestabiliza a normatividade, abalando o sistema educacional ao qual estamos inseridas, e criando espaços para que cada sujeito, cada indivíduo, cada pessoa possa manter-se viva, atenta e disposta.

Pulsante.

10.

É momento de interferir e modificar o terreno e a paisagem da escola que temos até aqui. Agora-já. Se espantar com ela e surpreendê-la. Tensionar ideias, friccionar o que achamos que sabemos, olhar ao contrário, enxergar a poesia diária, apresentar o avesso, prezar a matéria do corpo. Plantar e ver germinar. Queimar e renascer. Nova. Outra.

Atear o fogo que, dependendo de onde se olha, pode ser puro brilho.

Renascimento.

É gol das gays!

*“Preciso não escrever um manual de ética,
mas rasgar todas as recomendações que
me impedem de aderir à linguagem do meu desespero.
Não é que este afeto rarefeito possa indicar
a quem quer que seja a saída de algo,
mas não é ao acaso que ele me toma e encontra em mim
os buracos e flechas que atravessam minha carne,
esta carne política
feita de especulação e memória,
de força e matéria.”*
Jota Mombaça (2017, p.21)



Fig. 5: Montagem criada pelo autor com recurso de IA a partir da fotografia da performance "GOL-gay" (2022). Fonte: o autor.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Revista de estudos Feministas, v. 19, n.2, p. 549-559, 2011.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble*. New York: Routledge, 1990.
- FABIÃO, Eleonora. Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade. In: *Cartografias do ensino do teatro*. TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2009.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LIMA, Alef de Oliveira. *A ignorância cisheteronormativa*. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades. v. 14, n. 22, 2021. Disponível em: A ignorância cisheteronormativa - Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades. Acesso em: 20 jul. 2023.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MIRANDA, José Valdeinei Albuquerque; FAIAL, Carla Alice. *Corpo e arte-performance na escola básica*. Revista de Educação Pública, v. 30, n. jan/dez, p. 1-20, 2021. Disponível em: CORPO E ARTE-PERFORMANCE NA ESCOLA BÁSICA | Revista de Educação Pública. Acesso em: 30 jul. 2021.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. *O mundo é meu trauma*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, nov. 2017.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no brasil*. Educação em Revista, v.26, n.01, p.15-40. Belo Horizonte: 2010. Disponível em <https://www.scielo.br>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros; VELOSO, Verônica (orgs). *Pedagogia das artes cênicas: múltiplos olhares*. vol. VII. São Paulo: ECA-USP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/>. Acesso em: 11 fev. 2024.
- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RAVENA, Isadora; DILACERDA, Lucas. *Como cortar o mundo com delicadeza?* Wrong Wrong Magazine, Portugal, 2020. Disponível em: Como cortar o mundo com delicadeza?. Acesso em: 31 mar. 2023.

SANTOS, Katharine Nataly Trajano; VIEIRA, Neff Borba Araquan; SILVA; Janaína Guimarães da Fonseca e. *O heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço escolar*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v.14, n.43, p.153-168, jan./jun., 2021.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Viva a morte!* Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *A Educação como Encantamento*. [Aula inaugural da EPSJV/Fiocruz, realizada em 10/08/2021]. EPSJV, 2021. Disponível em: A Educação como Encantamento - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Acesso em: 20 jul. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. *Encantamento e disponibilidade*. [COMUNIDADE: Ciclo online de encontros e práticas, realizado em 2022]. O lugar, 2022. Disponível em: Encantamento e disponibilidade, com Luiz Antônio Simas - o lugar. Acesso em: 20 jul. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. Disponível em: ENCANTAMENTO: SOBRE POLÍTICA DE VIDA. Acesso em: 27 jul. 2022.

Submetido em: 02/08/2023
Aceito em: 01/03/2024